

## **A inserção da criança no contexto social e familiar, na obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga**

Yara Fernanda de Oliveira Adami (UNEMAT)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende discorrer sobre a vulnerabilidade da menina Raquel, personagem principal do livro *A Bolsa Amarela* (1976), da autora Lygia Bojunga. Uma menina de pouca idade, que enfrenta seus medos e inseguranças diante da difícil questão: ser criança no meio dos adultos. A infância retratada pelos olhos de Raquel nos dá uma visão de como a criança nos dias atuais tenta compreender a si mesma de modo que consiga viver em comunhão com a sua família, assim, enfrentando todas as dificuldades que lhe cercam. Pelo viés analítico de Jeanne Marie Gagnebin (1997), discutiremos como a infância e o pensamento permeia nesse universo problemático de Raquel e sua eterna solidão em seio familiar.

**Palavras-chave:** Infância, Pensamento, Família, Bolsa Amarela, Bojunga

**Abstract:** This work intends to discuss the vulnerability of the girl Raquel, main character of the book *The Yellow Bag* (1976), by the author Lygia Bojunga. A young girl, who faces her fears and insecurities before the difficult question: to be a child in the midst of adults. The childhood portrayed in Rachel's eyes gives us a vision of how the child today tries to understand itself so that it can live in communion with its family, thus, facing all the difficulties that surround it. Through the bias of Jeanne Marie Gagnebin (1997), we intend to discuss how childhood and thought permeate Rachel's problematic universe and her eternal family solitude

**Keywords:** Childhood, thought, family, Bolsa Amarela, Bojunga.

### **Introdução**

Discorrer sobre uma obra literária direcionada para crianças nem sempre é uma tarefa fácil, pois como diz Antônio Candido, no livro de Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1986, p.329), “Talvez o mais difícil de todos os gêneros literários seja a história para crianças. Gênero ambíguo, em que o escritor é forçado a ter duas idades e pensar em dois planos”, a literatura infantojuvenil não é algo simples de lidar e principalmente de se compreender. Com o passar dos anos, essa literatura

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UNEMAT). E-mail: yaraoliveira93@gmail.com

## A inserção da criança no contexto social e familiar, na obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga

adquiriu um espaço significativo no campo literário, os escritores se aperfeiçoaram cada vez mais a fim de proporcionar a seus leitores aprendizados para uma vida inteira. Se para Roland Barthes (1998, p. 30) ‘Literatura é tudo o que se ensina, e ponto final’, estamos diante de uma obra que vai além de ensinamentos apenas para crianças.

Vale ressaltar a importância de trabalhar com uma das obras de Lygia Bojunga, que desde seu primeiro livro, vem encantando os críticos literários, ganhando prêmios renomados da literatura brasileira e principalmente, confortando o coração das crianças, que como a personagem Raquel, se sentem incompletas diante de tais circunstâncias familiares, como a não aceitação de seus sonhos, a falta de compreensão de seus sentimentos, da carência afetiva e a necessidade de sua autodescoberta como criança e indivíduo amado.

A história do livro retrata a história da personagem Raquel que possui uma família nada estável e que vive recebendo presentes da tia Brunilda em um desses presentes, sobra uma bolsa amarela, que todos da família de Raquel dispensam e a menina acaba se encantando então, pelo acessório. Raquel guarda todos os seus três desejos nesta bolsa: a vontade de ser escritora, a vontade de ser menino e principalmente, a vontade de crescer. O livro é narrado em terceira pessoa e em diversos momentos temos o conhecimento de como a menina se sente em diversas situações.

A carência de Raquel é tanta, que em uma de suas vontades, na de ser escritora, Raquel inventa um amigo imaginário, para quem escreve cartas pedindo conselhos ode ela mesmo, escreve as cartas com as respostas dos conselhos. Em diversos momentos do livro temos acontecimentos que demonstram o quão sozinha Raquel se sente e questionamentos da personagem que remete ao abandono familiar ocasionado pela falta de atenção que sua família lhe dá.

### **1. Obra, personagem x contexto social**

A *Bolsa Amarela* foi publicada em 1976, com o contexto social que condiz com os avanços tecnológicos e a desestruturação familiar. Vemos que no decorrer do tempo com todas essas evoluções que estão cada vez mais presentes e disponíveis, as crianças estão cada vez mais dispersas e afastadas de suas famílias, vivendo basicamente isoladas em seu próprio mundo “imaginário”, onde tudo gira em torno deles próprios. Através deste mundo imaginário, Lígia Cademartori discorre que:

O mundo ficcional de Lygia Bojunga se arma a partir da infância, mas atinge temas adultos como as relações de poder e a repressão a liberdade de expressão no contexto social. Proporcionando ao pequeno leitor a identificação com situações que afetam as personagens infantis e que, por encontrarem eco na vivências da criança que lê, permitem adesão ao mundo ficcional [...] (CADEMARTORI, 2006. p. 64).

Assim as crianças desde pequenas possuem esse contato com as histórias contadas pelos pais, onde acabam se prendendo nesses elementos mágicos, que são criados através da imaginação. Não somente as crianças, mas os adultos usam a imaginação para se sentirem melhores em relação as situações vividas, para que eles possam melhora-lá e deixar da forma que gostariam realmente. Fato este que ajuda a enfrentar situações frustrantes ao longo da vida. Podemos nos lembrar que Tzvetan Todorov em *A introdução a Literatura fantástica* comenta que “O conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário, e estes últimos merecem algo mais que uma simples menção.” (TODOROV, 1980, p. 16).

Sobre essa mistura do elemento fantástico dentro da escrita, que serve para ajudar a prender a atenção do leitor/ouvinte, Bruno Bettelheim postula:

[...] tem de estimular a sua imaginação; tem de ajuda – lá a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizadas as suas angustias e as suas aspirações; tem de reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam [...] precisa de estar simultaneamente relacionada com todos os aspectos da sua personalidade [...] e dando – lhe confiança em si própria e no futuro. (BETTELHEIN, 2006, p. 11)

## A inserção da criança no contexto social e familiar, na obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga

Pelo viés do de Gladir da Silva Cabral (2007), podemos perceber que no texto *Imaginação e construção da identidade na obra de Monteiro Lobato*, ele observa que “Há algo revolucionário no desafio poético de refazer todas as coisas pelo exercício da imaginação, de criar um espaço mítico, próximo da natureza, em que pessoas e animais parecem se entender no tempo certo” (CABRAL, 2007, p. 109).

Além do escritor Cabral (2007) citar Kieran Egan (2005) “tanto a fantasia quanto a identidade individual e coletiva se fazem pela linguagem” (CABRAL, 2007, p. 112). Podemos observar que nas palavras de Egan, a fantasia tem um papel muito importante, na qual:

A fantasia vem sempre junto com a linguagem. Uma vez que aprendemos a gerar palavras, descobrimos com maior ou menor prazer que se podem usar palavras para descrever coisas que não existem. Podemos mentir, podemos criar ficções, podemos construir mundos de faz de conta. (...) a fantasia é parte de nossa herança humana. (EGAN, 2005 *apud* CABRAL, 2007, p. 112).

Com um senso crítico bem aguçado para a sua idade, Raquel possui uma criatividade bem peculiar e está sempre questionando esses conceitos e padrões sociais que a sua própria família impõe em casa. A partir daí, analisou-se qual o tipo de representação da infância está implícito na obra e quais discussões podem surgir a partir dessa leitura.

### **2. A não inserção da criança no contexto social e familiar**

Raquel acredita que pelo fato de ser criança, o que ela pensa ou deixa de pensar nunca conta para a família e isso faz com que cada vez mais ela queira se tornar adulta para finalmente ser ouvida. Esse desejo de se tornar adulta aparece explícito na obra quando a menina passa a não ser levada a sério. A partir deste fato, juntamente com a frustração e tristeza, ela resolve esconder todos os seus desejos o

mais depressa possível e em um lugar onde ninguém pudesse achar. Como podemos observar neste trecho a seguir:

Eu tenho que achar um lugar para esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenina, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. Vontade assim todo mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras – as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida – ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. (BOJUNGA, 2017, p. 09).

As concepções de infância são formadas e reformuladas a partir do momento histórico da sociedade, por seus valores morais e pelo meio em que se vive, em cada contexto. No artigo daremos mais enfoque à personagem principal: a menina Raquel, que narra sua própria história, por meio da fantasia. Estes três desejos somados à desaprovação da família fazem com que Raquel viva um paralelo entre o mundo real e um mundo imaginário, onde tudo é possível, inclusive seus desejos reprimidos.

Dessa forma, podemos observar que Freud descreve em *O futuro de uma ilusão*, que também retrata sobre a cultura, da qual mencionamos no trecho acima, que:

Como se sabe, a cultura humana - me refiro a tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de suas condições animais e se distingue da vida dos bichos; e eu me recuso a separar cultura [kultur] e civilização [zivilisation] – mostra dois lados ao observador. Ela abrange, por um lado, todo o saber e toda a capacidade adquiridos pelo homem com o fim de dominar as forças da natureza e obter seus bens para a satisfação das necessidades humanas e, por outro, todas as instituições necessárias para regular as revelações dos homens entre si e, em especial, a divisão dos bens acessíveis. (FREUD. 2010. p. 23- 24).

Podemos observar no decorrer da história que a menina passa por diversos momentos frustrantes, na qual fica tentando entender o que se passa com sua família, o motivo pelo qual ela sempre fica de lado, o fato de que ela não pode saber das coisas que acontecem, e nem se quer poder falar e dar a sua opinião. Como forma de desabafar e aliviar essas frustrações vividas dentro de sua família, Raquel resolve então criar um amigo imaginário para contar as suas aflições. Assim dessa forma ela poderia ser ouvida sem nenhum problema, sem nenhuma intervenção.

## A inserção da criança no contexto social e familiar, na obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga

Essa frustração da menina pode ser vista no trecho a seguir: “Prezado André: Ando querendo bater papo. Mas ninguém tá a fim. Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria contar minha vida. Dá pé? Um abraço da Raquel.” (BOJUNGA, 2017, p. 10). Além de este outro trecho a seguir, onde podemos perceber o momento exato em que a menina relata ao seu amigo o seu real pensamento pelo qual é sempre excluída por seus familiares:

Querido André: Quando eu nasci, minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo mundo já é grande há muito tempo menos eu. [...] Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou, não é? (BOJUNGA, 2017, p. 11).

A frustração da personagem ao não obter as respostas que lhe permeiam, geram um sentimento da não aceitação da sua identidade na família a qual pertence. Raquel, sente-se rejeitada em alguns momentos como este, questionando-se em um monólogo interior de acordo com seus sentimentos deprimidos.

Sabemos que no mundo em que vivemos hoje, é muito comum nos frustrarmos com muita facilidade com as coisas a nossa volta e do nosso cotidiano. A respeito dessas frustrações Freud nos diz que:

A proteção mais imediata conta o sofrimento que pode resultar das relações humanas e a solidão voluntária, o distanciamento em relação aos outros compreende – se a felicidade que se pode alcançar por esse caminho é a da quietude. Contra o temido mundo externo não é possível defender – se de outra maneira senão por uma espécie de afastamento, caso se queira resolver essa tarefa por si mesmo. (FREUD, 2010, p.33).

Segundo a concepção do Gagnebin (1997), as crianças eram vistas pela sociedade adulta que não podiam e nem deviam ficar sem a supervisão e o controle de um adulto, pois são muito bagunceiras e também arteiras, então:

A criança é de todos os animais o mais intratável [...] na medida em que seu pensamento, ao mesmo cheio de potencialidade e sem nenhuma orientação reta ainda, o torna mais ardiloso, o mais hábil e o mais atrevido de todos os bichos. Essa criança ameaçadora na sua força bruta, essa criança deve ser domesticada e amestrada segundo normas e regras educacionais fundadas na ordem da razão. (GAGNEBIN, 1997, p. 85-86).

A sociedade desde os tempos primórdios tem como base central a figura masculina. Dentro não só do contexto familiar assim como no contexto social, vemos que é através do homem que família tem o seu sustento. Que é ele quem detém a força, assim como também sempre toma as decisões e dá a palavra final nas coisas. Raquel começa a perceber essa questão, que somente o pai e o irmão têm voz na casa, mesmo o irmão não sendo completamente um adulto, já a menina não tem esse mesmo “privilégio”. A partir dessa percepção, ela acredita que se virasse menino seria ouvida, já que somente os homens podem fazer as coisas legais, e assim seria aceita, pois dessa forma os seus problemas estariam todos resolvidos. A menina se inquieta com o que vê, pois parece ilógico para ela toda essa situação.

Ela percebia que a mulher era inferiorizada e que era tratada de forma diferente em relação aos homens não entendendo o porquê dessa distinção, sendo que ambos eram “iguais”, que poderiam fazer as mesmas coisas, mas não era essa a realidade vivida pela personagem-narradora. Os adultos acreditavam que, em assunto de gente grande criança não deve se meter. Como se pode perceber nesse trecho a seguir: “Outro dia eu perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga? Sabe o que é que eles falaram? Que não era assunto para criança.” (BOJUNGA, 2017, p. 19). Raquel não se conformava em ser deixada de lado, simplesmente porque era pequena e por ser uma menina, no trecho seguir podemos perceber a sua total indignação:

Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear e fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês tem que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter tudo. Até para resolver casamento - eu não te vejo - a gente fica esperando vocês decidirem. (BOJUNGA, 2017, p.16 - 17)

Raquel projeta as suas vontades de ser menino, de ser escritora e de crescer nas suas histórias, que ela acaba inventando para se sentir livre, sem se sentir frustrada ou reprimida. Através dos amigos imaginários ela se renova e projeta as suas vontades. Ela vive em conflito com duas realidades distintas: uma que é

## A inserção da criança no contexto social e familiar, na obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga

representa pelo modo como as pessoas as enxergam e outro é como o próprio personagem se vê ou gostaria de se ver dentro do contexto familiar inserido. As autoras Lajolo e Zilberman (1987) observam que:

As personagens dessa autora vivem no limite, crises de identidade: divididas entre a imagem que os outros têm delas e a autoimagem que irrompe de seu interior, manifestando-se através de desejos, sonhos e viagens, os livros de Lygia Bojunga registram o percurso dos protagonistas em direção à posse plena de sua individualidade. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1987, p. 158).

A todo o momento, durante as narrativas inventadas por Raquel, ela projeta os seus anseios de como as coisas deveriam ser, tanto dentro da família como dentro da sociedade.

### **3. Casa dos concertos x nova visão de mundo**

A partir do momento que ela sai da casa dos concertos, ela percebe que as coisas que acontecem fora da casa dela, são totalmente diferentes. É a partir desse momento que percebe que ela pode sim fazer as coisas que gosta, mesmo sendo coisas referenciadas aos meninos, que ela também pode tomar decisões.

Raquel se sente esperançosa, ao ver que a família da amiga Lorelai é tão fantástica. Ela percebe o quão divertido é ser menina, e poder fazer tudo o que quer, sem que ninguém a critique ou deboche por isso. Quando as suas vontades já não pesam mais, ela finalmente se sente feliz, liberta e satisfeita com a vida que leva. Mesmo diante de todas as dificuldades dentro da família.

A casa dos concertos, que aparece no IX capítulo da obra, surge como uma catarse. A família de Lorelai vem para desconstruir a imagem de família que Raquel possuía até então. O fato do pai de Lorelai cozinhar, enquanto a mãe ficava na garagem mexendo com ferramentas, o avô que já estava velho e se encontrava na biblioteca, ainda estudando, serviu para que Raquel visse que homens e mulheres

tem os mesmos direitos, assim como os mesmos deveres. O pai autoritário que Raquel possuía, se desfaz na cabeça da menina, nesse momento.

### **Considerações finais**

Através da obra de Lygia Bojunga, percebemos os diversos conflitos que as crianças passam. Ao chegar no final da leitura, podemos perceber que a menina Raquel, após a visita a casa dos consertos, finalmente se aceita como menina. Ela percebe que, não precisa crescer tão rapidamente para poder dar as suas opiniões, muito menos precisar virar menino para poder fazer todas as coisas legais que gostaria, até mesmo se divertir com as brincadeiras voltadas aos meninos. A menina guarda todas as vontades na bolsa, que se torna lugar um especial. Ao guardar, Raquel não está abafando suas vontades, pelo contrário, põe para fora aquilo que está preso no peito. Sai pela escrita a angústia de se sentir deslocada mesmo estando entre os seus familiares.

Após a visita a casa dos consertos, Raquel encontra forças para continuar vivendo com sua família tóxica, pois a menina passa a perceber que a sua família não é uma regra de família a ser seguida, ela poderá encontrar a liberdade em algum momento, não muito distante em sua vida, a partir do momento em que compreende que para ser feliz, é preciso não desistir de viver, que ser menina também é ser capaz de realizar tudo que os meninos fazem, assim como ser escritora, também serve para desabafar, não existe mal nisso, pois fazer arte, é viver. O livro nos traz uma mensagem que permanecerá enquanto a literatura existir.

### **Referências**

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BETTELHEIN, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa. Editora Bertrand, 2006, p. 11.

A inserção da criança no contexto social e familiar, na obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga

CADEMARTORI, Lúcia. *O que é literatura infantil*. São Paulo. Brasiliense. 2006, p.64.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e prática*. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FREUD, Sigmund, 1856 – 1939. *O mal-estar na cultura/ Sigmund Freud*; tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Marcio Seligmann – Silva; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010. 192p. – (coleção L&PM POCKET, v.850). (PDF).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Infância e pensamento*. In: GHIRALDELLI JR., Paulo (org.). *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: UFP, 1997. p. 83-100.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. Ed. Ver. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. 35. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2017. 140 p.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987. TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica: Teoria da Literatura*. Debates. Editora Perspectiva, 2008. Disponível em: [http://litteraeinextremis.blogspot.com.br/2009/03/introducao-literatura-fantastica\\_19.html](http://litteraeinextremis.blogspot.com.br/2009/03/introducao-literatura-fantastica_19.html). Acesso em: 25-05-2019.

ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1993.